

ELEMENTOS ESSENCIAIS PARA A DINÂMICA DA INOVAÇÃO SOCIAL

Marcia Prim¹,
Carla Zandavalli Zandavalli²
Gertrudes Aparecida Dandolini³

Abstract: *The transition from capitalist industrial society to the knowledge society created areas of uncertainty, social inequalities and exclusion of the population. The moment demands an innovation with a social purpose, which concerns a dynamic with an integrated approach to social problems, in the search for new projects, services or business models that best address social issues. The objective of this research is to identify the essential elements for the dynamics of Social Innovation. For this, a review of the literature, of a qualitative nature with searches in the Google Scholar and Periodical of CAPES was carried out. As a result, the essential elements for the dynamics of Social Innovation are: networks of actors, collaborative governance, systemic vision, sustainability, innovative and collaborative processes and long-term partnerships.*

Keywords: *Social Innovation; Dynamics; Ecosystem of Social Innovation; Essential Elements.*

Resumo: *A passagem da sociedade industrial capitalista à sociedade do conhecimento criou zonas de incerteza, desigualdades sociais e exclusão da população. O momento exige uma inovação com propósito social, que diz respeito a uma dinâmica com abordagem integrada dos problemas sociais, na busca de novos projetos, serviços ou modelos de negócios que melhor atendam às questões sociais. O objetivo desta pesquisa é identificar os elementos essenciais para dinâmica da Inovação Social. Para tanto realizou-se uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, com buscas no Google Scholar e Periódico da CAPES. Como resultado tem-se que os elementos essenciais para a dinâmica da Inovação Social são: redes de atores, governança colaborativa, visão sistêmica, sustentabilidade, processos inovadores e colaborativos e parcerias duradouras.*

Palavras-chave: *Inovação Social; Dinâmica; Ecossistema de Inovação Social; Elementos Essenciais.*

1 INTRODUÇÃO

A relevância do tema Inovação Social (IS) advém da crescente complexidade dos problemas sociais existentes na atualidade (Bignetti, 2011). Westley (2008) aponta que tão

¹ Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – SC – Brasil. Email: marciaaprim@gmail.com.

² Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – SC – Brasil. setteca@gmail.com.

³ Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Florianópolis – SC – Brasil. Email: gertrudes.dandolini@ufsc.br.

importante quanto promover o crescimento econômico é fomentar uma inovação que contemple os processos de exclusão, desigualdade e injustiça social. De acordo com Bassand "a longa passagem da sociedade industrial capitalista à sociedade programada criou zonas de incerteza, fluidas, desreguladas, com enormes riscos de manipulação e alienação, mas, ao mesmo tempo, potencialmente inovadoras" (Bassand, 1986:37 *apud* André & Abreu, 2006, p. 127).

Para Borges (2017) a IS é um importante mecanismo para responder aos desafios sociais globais e as demandas sociais dos territórios. Bignetti (2011) afirma que, originalmente, a inovação estava vinculada à geração de lucros e ganhos econômicos em escala global de negócios. Entretanto, paralelo a essa economia considerada capitalista, renasce uma economia com foco em demandas sociais, que buscam novas alternativas, programas e conceitos para a solução dos problemas graves que atinge a sociedade, dentre eles a disparidade social (educação, saúde, fome, pobreza), moradia, desemprego, poluição ambiental, doenças crônicas e outras epidemias mundiais (Mulgan, 2006; André & Abreu, 2006; Bignetti, 2011; Cajaiba-Santana, 2014; Salim-Saji & Ellingstd, 2016).

Para Quandt *et al.* (2017) a adição do adjetivo "social" traz um caráter diferenciado, e cria uma nova categoria de inovação. Trata-se de um conceito multidisciplinar e "similarmente complexo que combina todos os caprichos dos processos de inovação com a natureza confusa de questões e resultados sociais" (McNeill, 2013, p.3).

Por ser algo complexo, Harrisson e Klein (2007) apontam que a dinâmica da IS começa em "ações desviantes que ignoram as regras institucionais". Essa dinâmica pressupõe uma nova forma de pensar e uma mudança que leva a construir novos arranjos sociais de forma sistêmica. A ideia mais recorrente na bibliografia é que a IS emerge fora das instituições e frequentemente paralelo a elas, sendo resultado da mobilização de diversos atores em torno de um objetivo. Ou seja, é produto da sociedade civil (André & Abreu, 2006, p. 129). Autores reconhecidos no tema apresentam alguns modelos da dinâmica da IS como forma de representar os aspectos e variáveis que interferem no processo como um todo. Podendo ser desde o nível da transformação que causam até as estratégias utilizadas para tal (Tardif & Harrisson, 2005; Murray *et al.*, 2010).

Importa reconhecer que a sociedade civil, os movimentos sociais, as organizações do terceiro setor, o Governo, as instituições religiosas, as universidades e empresas, assim como os indivíduos, podem assumir o papel de atores de IS ao dinamizar processos que impliquem uma alternativa inovadora à resolução dos problemas sociais (Mulgan, 2006). Esses atores,

quando mobilizados em grupos de interesses, formam o que chamamos de ecossistema de IS (Murray *et al.*, 2010).

Este ecossistema cada vez mais complexo exige uma visão sistêmica, o qual “trabalhar com” assume o lugar do “trabalhar para” (Bežovan, Matančević & Baturina, 2016). Emergem conceitos como: empresas sociais, economia solidária, economia colaborativa, quarto setor, incubadoras sociais, aceleradoras de negócio de impacto, responsabilidade social corporativa, (entre outros) que trabalhando de forma cocriativa por meio do compartilhamento de conhecimento e colaboração fortalecem cada vez mais esse ecossistema (Ávila & Campos, 2018).

Para Bežovan, Matančević e Baturina, (2016) os ecossistemas tendem a reequilibrar as suas forças, sendo que para isso é necessária uma conectividade entre os elementos que o constituem. A literatura aponta para mais estudos sobre a dinâmica da IS, visto que esse paradigma contemporâneo enfatizam a necessidade de adotar novas abordagens e formas de conduzir os problemas sociais novos ou emergentes (Bernardi & Diamantini, 2018). Assim, este artigo tem como objetivo descrever os elementos essenciais para a dinâmica da IS.

Este documento é composto pelo capítulo 1 (um) introdutório, na sequência o capítulo 2 (dois) apresentará os procedimentos metodológicos. O Capítulo 3 (três) e 4 (quatro) versarão sobre os construtos teóricos e de discussão, respectivamente, sendo o capítulo 5 (cinco) as considerações finais e por último, as referências bibliográficas.

2. METODOLOGIA

Para deste estudo foi realizado uma pesquisa exploratória, com a finalidade de levantar informações e descrever como ocorre o fenômeno investigado, ou seja, identificar quais os elementos são essenciais à dinâmica da IS. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que além de aproximar os pesquisadores do fenômeno estudado, ainda possibilita uma melhor compreensão dos fatos. Está fundamentada em uma revisão bibliográfica, sobre os temas em questão. Os artigos e livros identificados foram categorizados e classificados quanto aos assuntos: 1) inovação social; 2) elementos essenciais a dinâmica das IS e 3) ecossistema de IS. A partir desta revisão é apresentado os elementos essenciais para a dinâmica da IS. Na revisão da literatura foram consultadas as bases *Google Acadêmico* ou *Scholar*. Segundo Creswell (2007) uma busca no *Google Scholar* proporciona links para resumos, artigos relacionados e versões eletrônicas de artigos afiliados a uma biblioteca de interesse do pesquisador, além de livros, teses e dissertações correlatas. Realizou-se também, uma busca

pelo portal de periódicos da Capes. Quanto aos critérios adotados para busca, adotaram-se os seguintes critérios de inclusão e exclusão (filtros): A) artigos que trazem a relação entre IS e ecossistema de inovação social e; B) foram consideradas somente as pesquisas que apresentavam quadros com características definidas para a IS.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 INOVAÇÃO SOCIAL - CONCEITO

Embora apontada como uma alternativa na resolução de problemas sociais e como uma resposta à crescente preocupação com as falhas do mercado que geram desigualdades, os estudos sobre o tema IS, “ainda não se constituem num corpo consolidado de conhecimentos” (Bignetti, 2011, p. 4). Trata-se de um conceito entendido como um processo de transformação nos padrões de resposta às necessidades sociais, através da ruptura com as normas vigentes, com os valores instituídos e com a estrutura da distribuição de poder e recursos (Bernardi & Diamantini, 2018).

Estudos recentes afirmam que a erudição do século passado ficou concentrada na racionalidade utilitarista, e negligenciou o papel pró-social (Aoyama & Parthasarathy, 2017). No entanto, uma diversidade de formas organizacionais com foco na solução das questões emergentes e problemas sociais tem despontando (Ávila & Campos, 2018) e essa diversidade contribui para a disseminação do conceito ainda em formação.

Emergem novas discussões tanto no campo acadêmico como no mundo econômico e político voltado ao contexto das questões sociais (Ávila & Campos, 2018). Temas como sustentabilidade, desenvolvimento social são correlacionado a IS, como alternativas aos graves problemas sociais, sendo eles: problemas de moradia, saúde pública, trabalho e renda, bem estar social, rede de doadores de sangue, cooperativas de microcrédito, de reciclagem, agropecuárias, entre outros (Bežovan, Matančević & Baturina, 2016; Filéti, 2019).

Os primeiros estudos que trataram da IS foram registrados nos anos 60 (Horta, 2013). Para este autor, a IS significa “gerar soluções alternativas para os problemas sociais com um mínimo de perturbação da ordem” (Horta, 2013, p. 25). Desta data em diante, os conceitos evoluíram, sendo atualmente construtos complexo e com princípios pautados pelos processos colaborativos e de redes de colaboração (Prim, 2017). André e Abreu (2006) definem que a IS é:

Uma resposta nova e socialmente reconhecida que visa e gera mudança social, ligando simultaneamente três atributos: (i) satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado; (ii) promoção da inclusão social; e (iii) capacitação de agentes ou atores sujeitos, potencial ou efetivamente, a processos de exclusão/marginalização social, desencadeando, por essa via, uma mudança, mais ou menos intensa, das relações de poder (André & Abreu, 2006, p. 124).

Pol e Ville (2009, p.15) afirmam que “uma inovação é denominada inovação social se a nova ideia implícita tiver o potencial para melhorar a qualidade ou a quantidade de vida”. Assim, a IS caracteriza-se como novas ideias, produtos, processos ou serviços, com o objetivo de alcançar soluções viáveis aos problemas da sociedade civil (Murray, Caulier-Grice & Mulgan, 2010).

Para a Comissão Europeia (2015) as inovações sociais dizem respeito ao desenvolvimento de novos projetos, serviços ou modelos que melhor atendam às questões sociais e que ofereçam respostas inovadoras às necessidades sociais. Murray *et al.* (2010, p. 3) argumentam sobre a criação de novas relações ao definir IS como novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais.

Bignetti (2011, p. 4) também aponta para a questão da colaboração ao definir que IS é o "resultado do conhecimento aplicado às necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral". Cajaiba-Santana (2014, p. 44) aponta para essa colaboração quando trata do surgimento de novos arranjos sociais. Sua definição pressupõe uma “intenção planejada, coordenada, com objetivo orientado, e as ações legitimadas empreendidas pelos agentes sociais que visam à mudança social”.

Borges *et al.* (2015, p.7) em um conceito mais amplo afirma que a IS pode ir além da criação de novos conhecimentos. Para esses autores, a IS pode emergir também da combinação de conhecimentos já existente na comunidade, "por meio de um processo intencional, sistemático, planejado e coordenado, derivado da colaboração e do compartilhamento de conhecimento entre diversos agentes, que visa de forma sustentável à mudança social benéfica a um coletivo”.

Publicações atuais como Haxeltine *et al.* (2017) e Marques, Morgan e Richardson (2018) propuseram uma definição em nível de sistema, que enfatizassem mais a sociedade.

Para esses autores, trata-se de um período de inovação transformadora, com foco na dimensão humana, dando voz democrática, desde o indivíduo, até os relacionamentos que transpassam as fronteiras das organizações.

3.2 ECOSSISTEMA DA INOVAÇÃO SOCIAL

Conforme discutido na sessão anterior, o conceito de IS é um tanto quanto dinâmico e multidisciplinar (McNeill, 2013) e sua importância deriva da complexidade dos problemas sociais atuais e o contexto em que está inserido (Bignetti, 2011). Neste sentido, entende-se como um novo paradigma que requer mudanças, tanto no indivíduo, quanto na sociedade e nas organizações, sendo considerada uma ruptura face aos processos tradicionais (André & Abreu, 2006, p. 125).

Assim a dinâmica de IS implica em uma abordagem integrada para resolução dos problemas sociais, onde as suas causas são tão complexas como as formas que assumem, estando frequentemente interligadas em diferentes dimensões, setores e atores, para atingir os objetivos comuns. Segundo Mulgan (2007), o desenvolvimento de uma dinâmica de inovação social assenta-se em três pilares estruturantes: a procura, a oferta e a estratégia utilizada. A procura trata do reconhecimento da necessidade social abordada por atores diretos (consumidores, comunidade, voluntários, etc.) e atores indiretos (patrocinadores, fundações, agência de fomento, etc.). A oferta é a nova ideia gerada para responder a essa necessidade, bem como as formas de operacionalizar e expandir essas ideias que lhe são associadas (processos, coprodução, etc.). As estratégias correspondem aos tipos de recursos utilizados, aos agentes envolvidos e às metodologias de aplicação que favorecem a absorção da IS (redes, processos, grupos colaborativos, etc.).

Com foco em atender esses pilares, diversas organizações emergem, tanto a nível local, regional como global. Algumas agindo de forma isolada e outras em formato de redes. As redes são multifacetadas e complementam o ecossistema de IS, elas se formam a partir da criação de novas relações com investidores ou patrocinadores, passando pelas relações com os voluntários integrados aos projetos, com a direção de grupos, movimentos ou universidades, organizações do terceiro sector, com os órgãos do governo, além, das relações com as empresas parceiras. Essas relações constituem, para André e Abreu (2016), a raiz da dinâmica de criação da IS, juntamente, com o conhecimento, enquanto qualificação, informação e comunicação.

Esse ecossistema tende a reequilibrar as suas forças, a longo prazo, havendo conectividade entre a oferta e a procura das soluções para os problemas sociais, a estabilidade e as mudanças sistêmicas (Moore, 2006). Para Mulgan (2007) o trabalho em rede com outras organizações que operem em outras dimensões, escalas, ou setores, partilhando crédito e/ou reconhecimento, é essencial (Mulgan, 2007). No ecossistema, as grandes forças em equilíbrio são as redes de colaboração (Prim, 2017), as parcerias (Borges, 2017), a qualidade das atividades, ambiente e ao capital humano (Santos Delgado, 2016), a capacidade das populações (Mulgan, 2007), bem como a colaboração (Sanzo *et al.*, 2015).

Essas teias de relações constituem-se como estruturas dinâmicas, que envolvem desde capital relacional e humano até a partilha de identidade, valorizando a cooperação entre comunidades distintas, processos construídos de formas colaborativas e parcerias (Haxeltine *et al.*, 2017). Para Louise Polford (2019), diretora Executiva da SIX⁴, o ecossistema de IS está em ascensão. São centenas de instituições com o propósito social responsáveis pela execução das atividades ou que apoiam a causa. Como exemplos temos: o próprio governo, representado pelos seus órgãos representantes, as ONGs, as fundações, as redes de apoio, os centros de IS, as universidades, os negócios sociais, as aceleradoras, as incubadoras, as empresas parceiras, as agências de fomento até mesmo os indivíduos, com seu voluntariado e filantropia.

Cabe ainda destacar que um ecossistema tão diverso requer uma nova forma de ser governado, visto que transforma a relação de poder que afeta as desigualdades existentes (Anglada, 2016; Etxezarreta, Cano & Merino, 2018).

3.3 ELEMENTOS ESSENCIAIS À DINÂMICA DA INOVAÇÃO SOCIAL

Observa-se que o ecossistema da IS é um fenômeno em pleno desenvolvimento (Swilling, 2016). Muitas instituições concentram seus esforços em distinguir o que de fato caracteriza uma IS (Edwards-Schachter, Matti & Alcántara, 2012). A falta de um conceito preciso e amplamente aceito causa incertezas sobre o que de fato está sobre o seu domínio, desde a sua origem até a sua aplicabilidade (Anderson, Curtis & Wittig, 2014). Nesse sentido,

⁴ A SIX é uma instituição beneficente registrada pela lei do Reino Unido (Charity No 1155570) e uma Company Limited by Guarantee (Empresa nº 8364475). Desde março de 2013, o SIX é administrado por um Comitê Executivo de especialistas em inovação social de todo o mundo. <http://inovasocial.com.br/inova/situacao-global-inovacao-social-six/>, acesso em 21.06.2019

compreender como a dinâmica da IS acontece torna-se fundamental para entender a relação entre os elementos que a compõem e seu ecossistema.

Vários autores têm construído modelos e *frameworks* para tentar representar essa dinâmica. Cloutier (2003) classifica as iniciativas de IS de quatro maneiras diferenciadas, sendo: 1) quanto a sua forma: a IS é imaterial, refere-se além das ações e práticas, preocupa-se também com a "maneiras de fazer", portanto, opõe-se à noção somente de produto; 2) quanto ao processo: seu processo de criação e implementação deve atender a requisitos de agrupamento em duas categorias principais: diversidade de atores e participação do usuário. A IS distingue-se pela participação dos usuários no processo de criação da solução; 3) seus atores: a necessidade de estabelecer práticas interdisciplinares são essenciais, visto que a diversidade de atores e a participação ativa são consideradas condições essenciais para a criação e implementação de novas soluções, por meio da aprendizagem e criação de conhecimento; 4) os resultados obtidos: deriva seu caráter inovador da ruptura com as práticas existentes em um determinado contexto e promove uma mudança sistêmica e não somente mudanças pontuais ou paliativas.

O modelo de Tardif e Harrisson (2005) versa sobre IS estudadas em 05 (cinco) dimensões, com vistas à transformação social: 1) novidade e caráter inovador: destacam o contexto macro e micro no qual uma IS é desenvolvida, identificando os problemas de ordem econômica e/ou social; 2) objetivo da inovação: deve compreender aos objetivos gerais dos envolvidos, buscando conciliar os objetivos individuais e os coletivos (bem comum) por meio de consensos entre os atores; 3) processo de desenvolvimento: depende do tipo de inovação e do contexto em que ela está inserida. Seus processos podem a coordenação do processo (participação, avaliação e aprendizagem) e os meios (parcerias, integração, empoderamento, difusão; 4) relações entre atores e estruturas: os atores diferenciam-se em sociais (movimentos sociais, associações, sociedade civil); organizações (empresas, organizações econômica/social, organizações coletivas; instituições (Estados, identidade/valores/normas) e intermediários (Comitês, Redes Sociais/de aliança/de inovação); e 5) restrições ao desenvolvimento da inovação: neste tópico encontra-se a complexidade, incerteza, resistência, tensão, inflexibilidade de realizar as ações em IS.

O ciclo de IS proposto por Mulgan (2007) e aperfeiçoado por Murray *et al.* (2010) é um dos modelos mais referenciados. Este é dividido em seis estágios: 1) avisos: envolve o diagnóstico do problema, com suas causas e a formulação da pergunta; 2) propostas: é o estágio de geração de ideias para resolver o problema. Pode ser utilizado vários métodos criativos para ajudar na proposição de ideias; 3) protótipos e pilotos: estágio onde as ideias

selecionadas são testadas na prática e refinadas; 4) manutenção: é quando a ideia se torna uma prática cotidiana; 5) escala: estágio que utiliza uma série de estratégias para difundir uma inovação; 6) mudança sistêmica: este estágio é o cerne da IS, pois promover uma mudança sistêmica normalmente envolve a interação de muitos elementos, desde movimentos sociais até novas leis e regulamentos modificando ou quebrando estruturas já concebidas socialmente.

Com o objetivo de analisar com maior profundidade iniciativas de IS, Buckland e Murillo (2013) apresentam cinco variáveis chaves que englobam uma série de aspectos desde o nível da transformação social até as estratégias utilizadas, são elas: 1) impacto e transformação social: está relacionada a forma de medir o impacto social ou avaliar a transformação social promovida pela iniciativa de IS; 2) colaboração intersetorial: compreender os principais interessados e como desenvolvem suas atividades em rede de colaboração; 3) sustentabilidade econômica e viabilidade em longo prazo: as principais dimensões a serem considerados são o retorno do investimento, eficiência e eficácia e capacidade de gestão para assegurar a viabilidade a longo prazo. 4) tipo de inovação: aberta ou fechada. A primeira é aquela em que os usuários e outras partes interessadas são livres para criar copiar uma ideia, reaproveita-la e se adaptar, enquanto a segunda está atrelada ao conceito de propriedade interna a organização; 5) escalabilidade e replicabilidade: fato de poder ser aplicada em outro contexto com características semelhantes.

Edwards-Schachter, Matti e Alcántara (2012) definem as características de acordo com as dimensões, sendo: a) objetivo: geração de valor social e melhoria na qualidade de vida; b) finalidade: orientada para a resolução de problemas sociais; c) direcionamento: atender demandas sociais que não são contempladas pelo mercado e governo; d) fonte: pluralidade de atores; e) contextos e setores: onde está inserida a demanda; f) processo: participação ativa dos usuários e processo coletivo de aprendizado; g) governança: participação e colaboração das pessoas na tomada de decisões.

Santos Delgado (2016) define alguns elementos essenciais para que uma iniciativa seja considerada uma IS. Dentre elas: a) ser justa e equilibrada: baseada na justiça social; b) eficaz: que seus objetivos sejam alcançados; c) ser original e nova para um determinado contexto; d) ser transferível e reprodutível em outras comunidades; e) promover uma melhoria na qualidade de vida; f) ser sustentável (social, econômica e ambiental); e g) proporcionar uma mudança social benéfica a um coletivo.

O caráter coletivo e o capital relacional (trocas e compartilhamento de conhecimento) bem como a formação de parceria intersetoriais e interorganizacionais são características abordadas por Borges (2017).

Prim (2017) acrescenta que a rede de colaboração é um elemento essencial a dinâmica das IS. Entretanto essa rede é composta de diversos elementos relevantes, sendo eles: a) parceiros: constelação de atores, que interagem em diferentes tipos de parcerias, b) colaboração: é reconhecida como um processo em que as partes trabalham em conjunto, por diferentes ângulos, exploram suas diferenças de maneira construtiva e procuram soluções que vão além da própria visão individual e limitada do que é possível, para uma solução integrada e coletiva; c) Autogestão: é a forma máxima de liderar e indica o fato da administração dos projetos ser realizada pelos próprios cooperados/associados; d) empoderamento: é visto na literatura como o fato de tornar o indivíduo autônomo, tornando-se protagonista de sua própria história, e reconstruindo sua identidade; e) recursos: tangíveis: recursos (máquinas, equipamentos, prédio, infraestrutura), até recursos intangíveis (humanos, como voluntários, professores e profissionais de diversas áreas). Os recursos podem vir de fonte externa ou interna com a venda dos produtos; f) aprendizagem: o aprendizado é algo que possibilita o aperfeiçoamento das atividades diárias, por meios da construção e compartilhamento de novos conhecimentos e g) sustentabilidade: a maneira como a organização busca sobreviver, com foco nos três pilares: econômico, ambiental e social.

4 DISCUSÃO E RESULTADOS

Conforme discutido nos capítulos anteriores, a IS é um conceito em construção e multidisciplinar (McNeill, 2013), sendo que a sua importância deriva da complexidade dos problemas sociais atuais e o contexto em que está inserido. O cenário e os diversos atores envolvidos determinam o ecossistema da IS (Moore, 2006).

Com conceitos diversos, em discussão, e um ecossistema multifacetado, a IS necessita ser reconhecida por meio de elementos que a configure. Assim, vários autores têm construído modelos e/ou *frameworks* para tentar representar essa dinâmica (Cloutier, 2003; Tardif & Harrison, 2005; Murray *et al.*, 2010; Edwards-Schachter, Matti & Alcántara, 2012; Buckland & Murillo, 2013; Santos Delgado, 2016; Borges, 2017; Prim, 2017).

A tabela 1 representa a contextualização da aplicação dos estudos por autor, bem como os elementos que compõe, caracterizam ou dimensionam a dinâmica das iniciativas de IS.

Tabela 1 – Elementos da Inovação Social e Contexto de Aplicação

Autor/Ano	Contexto de aplicação	Elementos
Cloutier (2003)	Estudos realizados pelo CRISES que classifica as iniciativas de IS, em quatro formas diferenciadas. Essas classificações abordam a IS como um dispositivo de acompanhamento destinado a provocar mudanças duradouras	1) forma: a inovação social é imaterial, refere-se a "maneiras de fazer"; 2) processo de criação e implementação: diversidade de atores e participação do usuário; 3) atores: a necessidade de estabelecer práticas interdisciplinares consensuais; 4) resultados (objetivos da mudança): deriva seu caráter inovador da ruptura com as práticas existentes em um determinado contexto.
Tardif e Harrisson (2005)	Concebido junto ao Centro de Pesquisa sobre Inovações Sociais (CRISES), versam sobre inovações sociais estudadas em três eixos: trabalho e emprego; condições de vida; e território.	1) novidade e caráter inovador da inovação; 2) objetivo da inovação; 3) processo de desenvolvimento da inovação; 4) relações entre atores e estruturas; 5) restrições ao desenvolvimento da inovação.
Murray et al. (2010)	Proposto por Mulgan (2007) e aperfeiçoado por Murray et al. (2010) é um dos modelos mais referenciados nos estudos sobre esta temática. Divide a IS em um processo de seis estágios.	1) avisos: envolve o diagnóstico do problema; 2) propostas: geração de ideias para resolver o problema; 3) protótipos e pilotos; 4) manutenção: a ideia se torna prática; 5) escala: estratégias para difundir a inovação; 6) mudança sistêmica: transformação do meio social.
Buckland e Murillo (2013)	Foram escolhidos quatro estudos de casos de IS analisados à luz de cinco variáveis, com enfoque na mudança sistêmica.	1) impacto e transformação social; 2) colaboração intersetorial; 3) sustentabilidade econômica e viabilidade em longo prazo; 4) tipo de inovação; 5) escalabilidade e replicabilidade.
Edwards-Schachter, Matti e Alcántara (2012)	Foi realizado um estudo de caso exploratório de IS focando na lacuna entre as necessidades dos idosos e a geração de oportunidades de negócios, usando uma metodologia de laboratório vivo (LL) para inovação colaborativa baseada em locais.	1) geração de valor social e melhoria na qualidade de vida; 2) atender demandas sociais que não são contempladas; 3) pluralidade de atores; 4) análise de contexto; 5) participação ativa dos usuários e processo coletivo de aprendizado; 6) participação e colaboração das pessoas na tomada de decisões (governança).
Santos Delgado (2016)	Propor um <i>framework</i> para caracterizar a IS em seus processos.	1) ser justa e equilibrada; 2) eficaz: que seus objetivos sejam alcançados; 3) ser original e nova para um determinado contexto; 4) ser transferível e reproduzível em outras comunidades; 5) promover uma melhoria na qualidade de vida; 6) ser sustentável (social, econômica e ambiental); 7) proporcionar uma mudança social benéfica a um coletivo.
Prim (2017)	Estudo de Caso em uma incubadora Social, o estudo caracterizou os elementos constitutivos da rede de colaboração para IS.	Os elementos da rede de colaboração para IS são: 1) parceiros; 2) colaboração; 3) autogestão; 4) empoderamento; 5) recursos; 6) aprendizagem e 7) sustentabilidade.

Fonte: As autoras, com base na revisão da literatura

A análise dos estudos citados na tabela 1 demonstram algumas similaridades entre os elementos que constituem a dinâmica da IS. A palavra inovação ou caráter inovativo aparece em todos os modelos e estudos observados, porém acrescenta-se que a inovação não é caracterizada somente como algo inédito, sendo que muitas das suas características estão vinculadas ao contexto onde são aplicadas e o quanto isso gera mudanças na comunidade.

Outro elemento bastante mencionado nos estudos são as parcerias e a colaboração mútua entre a rede e a sua sustentabilidade. As parcerias vão desde a constituição das iniciativas, que devem contar com o beneficiário na criação dos projetos, até a expansão das iniciativas e da própria rede colaborativa. O processo colaborativo e o consenso entre os parceiros também são um desafio que gera a necessidade de uma governança eficiente e eficaz da dinâmica da IS. As ações de IS também têm um viés sustentável, pois não se preocupam apenas com o resultado da ação, mas como essa é constituída, respeitando assim o ecossistema que fazem parte.

Os elementos caracterizados como atendimento a demanda social, observado em todos os estudos, trazem também como objetivo a mudança sistêmica e empoderamento do cidadão. Por isso é necessário que o beneficiário participe dos projetos e não seja somente um usuário, para que este possa se empoderar do benefício, bem como auxiliar na mudança societal que necessita, muitas vezes por meio do estabelecimento de novas normas, leis e mudança nos costumes para mudar a realidade local e/ou global. Nesse sentido, o escalonamento das iniciativas de IS auxilia essa mudança e também são considerados um elemento da sua dinâmica. Por outro lado, o planejamento desse escalonamento torna-se fundamental, para que os parceiros, bem como a eficiência das iniciativas sejam mantidas.

Por fim, são vários os elementos que descrevem a dinâmica da IS e a torna um legado para a sociedade. Se ao mesmo tempo lidar com problemas sociais e parceiros com ideais diferentes é um desafio, o processo de construção das decisões torna-se um processo democrático e de grande aprendizado aos seus partícipes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS

A IS é um conceito em pleno crescimento e o seu ecossistema é composto por uma diversidade de organizações, com propósito de atender a demanda da população menos favorecida. A dinâmica da IS é constituída de elementos considerados essenciais, para que as novas ideias sociais assumam significância, produzindo efeitos e alcançando impacto social para além do meio onde se produzem.

Assim, este estudo destaca que os elementos essenciais para a dinâmica da IS são: redes de atores (diversidade de atores que se conectam em forma de rede com um propósito comum), governança colaborativa (participação dos envolvidos no processo de tomada de decisão), sustentabilidade (social, econômica e ambiental), visão sistêmica (ter um olhar para o processo como um todo), processos inovadores e colaborativos (as decisões e os processos

são realizados pelos beneficiários/beneficiadores), parcerias duradouras (comprometimento de diversos atores), caráter inovador vinculado a um contexto (ser algo novo para uma comunidade específica), ruptura a práticas existentes e caráter transformador, bem como o foco na resolução dos problemas sociais (foco na melhoria na qualidade de vida).

Recomenda-se como trabalhos futuros uma verificação da dinâmica de IS em organizações, visto que este trabalho foi identificar essas dinâmicas com base na revisão da literatura.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- André, I. & Abreu, A. (2006). Dimensões e espaços da Inovação Social. *Finisterra*, XLI, 81, pp. 121-141. Acesso em 29 de maio de 2019, disponível em www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81_06.pdf.
- Anglada, S. E. (2016). *Entidades socialmente creativas en un contexto de gobernanza multinivel. Una comparativa del fomento de la economía solidaria en Barcelona y Bilbao*. ISSN 2013-9004 (digital); ISSN 0210-2862 101/1 <http://dx.doi.org/10.5565/rev/papers.1796>.
- Aoyama, Y. & Parthasarathy, B (2018). When both the state and market fail: inclusive development and social innovation in India, *Area Development and Policy*, DOI: 10.1080/23792949.2018.1481759.
- Ávila, R. C. & Campos, J. L. (2018). La economía social ante los paradigmas económicos emergentes: innovación social, economía colaborativa, economía circular, responsabilidad social empresarial, economía del bien común, empresa social y economía solidaria. CIRIEC-España, *Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, nº 93, pp. 5-50.
- Bernardi, M. & Diamantini, D. (2018) Shaping the sharing city: An exploratory study on Seoul and Milan. *Journal of Cleaner Production*. v. 203. p. 30-42
- Bežovan, G. Matančević, J. & Baturina, D. (2016). Socijalne inovacije kao doprinos jačanju socijalne kohezije i ublažavanju socijalne krize u europskim urbanim socijalnim programima. *Rev. soc. polit.*, god. 23, br. 1, str. 61-80, Zagreb 2016.
- Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3-14.
- Borges, M. A. (2017). *Dinâmica das Parcerias Intersetoriais em Iniciativas de Inovação Social: da descrição à proposição de diretrizes*. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis.

- Buckland, H. & Murillo, D. (2013). Antena de innovación social: vías hacia el cambio sistémico: ejemplos y variables para la innovación social. Barcelona: ESADE. Instituto de Innovación Social.
- Cajaiba-Santana, G. (2014) Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. *Technological Forecasting and Social Change*, v. 82, p. 42- 51.
- Cloutier, J. (2003). Qu'est-ce que l'innovation sociale? Acessado em: 22/06/2019. Disponível em: <https://depot.erudit.org/retrieve/1857/ET0314.pdf>
- Comissão Europeia. (2015) Inovação Social. Disponível em: < <http://ec.europa.eu/growth/>> Acesso em 16/05/2018
- Creswell, J. W. (2007) *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Edwards-Schachter, M. E., Matti, C. E. & Alcántara, E. (2012). Fostering quality of life through social innovation: A living lab methodology study case. *Review of Policy Research*, 29, 672-692.
- Etxezarreta, A., Cano G. & Merino, S. (2018). Las cooperativas de viviendas de cesión de uso: experiencias emergentes en España. CIRIEC-España, *Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*. Nº 92/2018, pp. 61-86
- Filéti, G. S. (2019). Iniciativas de Ação Social de Cooperativas à Luz da Inovação Social. *Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, SC. 178p.*
- Harrisson, D. & Klein, J.(2007) Introduction', in Klein and Harrisson, , *L'Innovation sociale* 1–14.
- Haxeltine, A., Avelino, F., Wittmayer, J., Kemp, R., Weaver, P., Backhaus, J. & O'Riordan, T. (2013). Transformative social innovation: a sustainability transitions perspective on social innovation. In *Social Frontiers: The next edge of social innovation research*.
- Horta, D. M. O. (2013) *As Especificidades do Processo de Difusão de uma Inovação: da propagação inicial à resignificação*. [s.l.] Tese de Doutorado (Doutorado em Administração), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS.
- Marques, P., Morgan, K. & Richardson, R. (2018) Social innovation in question: The theoretical and practical implications of a contested concept. *Environment and Planning C: Politics and Space*, v. 36, n. 3, p. 496-512, .
- McNeill, J. (2013) Enabling social innovation – opportunities for sustainable local and regional development. Community Economies. *Social Frontiers. The next edge of social innovation research*.
- Moore, J. (2006). Business ecosystems and the view from the firm. *The Antitrust Bulletin*, v. 51, n. 1, p. 31
- Mulgan, G. (2006). The process of social innovation. *Innovations: technology, governance, globalization*, 1(2), 145-162.
- Mulgan, G. et al. (2007) *Social innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated*. London: *The Young Foundation*, Online: < <http://youngfoundation.org>>. Acesso 13 maio de 2019.

- Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The open book of social innovation*. London, NESTA/The Young Foundation.
- Pol, E. & Ville, S. (2009) Social innovation: Buzz word or enduring term?. *The Journal of socio-economics*, v. 38, n. 6, p. 878-885.
- Prim, M. A. (2017). *Elementos constitutivos das redes de colaboração para inovação social no contexto de incubadoras sociais*. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis,
- Quandt, C., Ferraresi, A., Kudlawicz, C., Martins, J. & Machado, A. (2017). Social innovation practices in the regional tourism industry: Case study of a cooperative in Brazil. *Social Enterprise Journal*, 13(1), 78-94.
- Salim Saji, B. & Ellingstad, P. (2016). Social innovation model for business performance and innovation. *International Journal of Productivity and Performance Management*, 65(2), 256-274
- Santos Delgado, A. A. (2016) *Framework para Caracterizar La Innovación Social sobre Sus Procesos*. Tese. (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Sanzo, M. J. *et al.* (2015) Business–nonprofit partnerships: a new form of collaboration in a corporate responsibility and social innovation context. *Service Business*, p. 1–26.
- Swilling, M. (2016). Africa’s game changers and the catalysts of social and system innovation. *Ecology and Society* 21(1):37.
- Tardif, C. & Harrisson, D. (2005). Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l’innovation sociale au CRISES. *Cahiers du CRISES*. Québec.
- Westley, F. (2008). The social innovation dynamic. *Frances Westley, SiG@ Waterloo*, Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=WESTLEY%2C+Frances.+The+social+innovation+dynamic.+Frances+Westley%2C+SiG%40+Waterloo%2C+2008.&aq=WESTLEY%2C+Frances.+The+social+innovation+dynamic.+Frances+Westley%2C+SiG%40+Waterloo%2C+2008.&aqs=chrome..69i57j69i60.1512j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. 2008. Acesso em 30 maio 19.